

PROVA ESPECÍFICA DE PORTUGUÊS

NOTA: Responda a cada um dos grupos em folha separada.

Grupo I

Leia com atenção o seguinte poema, integrante da obra *Mensagem* (1934), de Fernando Pessoa:

PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem - ou desgraça ou ânsia-
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância -
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

Numa composição cuidada, interprete o poema, desenvolvendo os seguintes tópicos:

1.1 - A relação intertextual deste poema de Pessoa com os seguintes versos de Camões, n' *Os Lusíadas* (1572):

O favor com que mais se acende o engenho
Não o dá a Pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e da rudeza
Duma austera, apagada e vil tristeza.

1.2 - O passado, o presente e o futuro de um povo e de um país;

1.3 - O significado do “mar universal” (verso 4) e da conquista da “Distância” (verso 11).

Grupo II

A partir da leitura do texto abaixo, elabore um comentário sobre o impacto passado, presente e futuro das condições de trabalho nas sociedades contemporâneas, refletindo, nomeadamente, sobre como diferentes modelos de organização laboral condicionam o funcionamento global das mesmas, bem como sobre que medidas devem ser adotadas para ultrapassar os efeitos negativos elencados.

No presente momento, dificilmente há alguém que não tenha ouvido falar em “*burnout*”. A expressão determinou o debate público europeu e preencheu as páginas dos jornais sem que, necessariamente, se difundisse uma definição clara e/ou se chegasse a um consenso científico. Mas o que é a Síndrome de *Burnout*? O sentido literal desta categoria anglo-saxónica é o de “arder”, “deixar-se queimar” e/ou “incendiar-se” – de dentro para fora, de ponta a ponta, de fio-a-pavio. No vocabulário corrente, fala-se em *burnout* para designar algo que parou de funcionar devido à mais absoluta falta de energia. A figuração literária implica seres humanos que já ultrapassaram uma situação limítrofe no seu desempenho de nexó psicofísico. Tudo isto foi elevado à enésima potência com o espectro do *lay-off*, dos encerramentos e do desemprego, no meio da simultaneidade das crises que assolam o mundo do trabalho contemporâneo.

A Síndrome do Esgotamento Profissional (“*burnout*”) compôs oficialmente a 11.^a Classificação Internacional de Doenças (CID11) – da Organização Mundial da Saúde (OMS) – em maio de 2019, como uma questão social relacionada com o universo laboral.

Não é a primeira vez que se trata de instituir uma relação entre o adoecimento psíquico e físico e o ritmo e intensidade das relações laborais no curso da moderna civilização capitalista. Entre finais do século XIX e inícios do século XX, a *neurastenia* torna-se no diagnóstico mais comum de doença mental. Tal condição clínica – que George Beard descreve como a “neurose da vida moderna” – encontra repercussões consideráveis nas sociedades da época. O autor já relacionava o advento da nova doença com as mudanças económico-sociais resultantes da revolução industrial. Com a franca transformação das formas de trabalho, o progresso técnico e a extensão da racionalização científica, nos anos da década de 1950, tem lugar o surgimento de novas enfermidades ocupacionais.

Na atualidade, a coerção socioeconómica sobre os trabalhadores subiu a um nível insuportável, tendo em conta o avanço das forças sociais de produção das últimas décadas. A organização do trabalho, através de novos métodos e técnicas de gestão laboral, está a privilegiar o individualismo dos trabalhadores e – ato contínuo – o seu isolamento social. A solidão reina. Muitos locais de trabalho são hoje pautados por ambientes frios, hostis e carentes de sentido. Isso fragiliza a saúde mental dos trabalhadores e potencia as raízes do adoecimento laboral. É cada vez mais difícil passar incólume aos constrangimentos da organização do trabalho. A concorrência feroz já se estendeu do chão das empresas ao interior dos próprios trabalhadores. As metas e os objetivos impostos pela organização do



trabalho – diga-se, em muitos casos, inatingíveis – não consideram, via de regra, as dificuldades encontradas pelos trabalhadores diante do trabalho real.

Por fim, o que a classificação oficial não apreende é que, muito mais do que fatores de *adoecimento individual*, o chamado “Esgotamento Profissional” (OMS, 2019) envolve uma *questão pública* – isto é, um problema social – de *organização do trabalho vivo*.

João Areosa e Roberto della Santa (25/4/2022), “Síndrome de *burnout*: futuro do trabalho?”, in *Jornal Público online* (adaptado).

<https://www.publico.pt/2021/04/25/opiniao/noticia/sindrome-burnout-futuro-trabalho-1959774>
(consultado a 5/6/2023).